



Revista Brasileira de Comércio Exterior

Ano XXXVIII

159

Abril, Maio  
e Junho  
de 2024

A revista da FUNCEX

**Volatilidade Cambial**

**Trade Finance**

**Brasil-Bolívia: Oportunidades  
de Comércio e Investimentos**

**Comunicação & Start-Ups**

Imagem de Rudolf Krimson por Pixabay



**FUNCEX**



**fundação  
centro de estudos  
do comércio  
exterior**

Ajudando o Brasil a expandir fronteiras

**EDITORIAL****2 Câmbio, Trade Finance, Integração Econômica, Comunicação, Startup***Miguel Lins***ENTREVISTA****4 Mickael Paolucci e Eduardo Barbosa***Multiplica Crédito & Investimento***COMENTÁRIO INTERNACIONAL****8 Ainda falta para o real chegar à maturidade***George Vidor***AMBIENTE DE NEGÓCIOS INTERNACIONAIS****10 Mercado Incomum do Sul***Mauro Laviola***12 Os perigos do comércio exterior dos produtos manufaturados e processados de origem do agronegócio fora do *mainstream****Rui Daher***14 Resiliência e realinhamento do comércio global***Otaviano Canuto***CÂMBIO****20 Volatilidade Cambial: Estimação Otimizada para Oportunidades de Hedge para Empresas***Eduardo Velho***26 Interseção do câmbio e os participantes do comércio internacional: história, inovação e o novo marco cambial***Lia Thomazzi Susin***TRADE FINANCE****32 Comércio internacional e trade finance - uma visão de futuro, a jornada esperada para o período 2024 a 2032***Claudia Hausner***BASE INDUSTRIAL DE DEFESA****44 Ações e atividades em apoio às exportações da Base Industrial de Defesa***Ayla Brandão Guedes Silva e Bruno da Silva Subett***RELAÇÕES COMERCIAIS BRASIL E BOLÍVIA****50 O potencial das relações econômico-comerciais Brasil-Bolívia***Francisco Carlos Soares Luz e Alisson Souza Gasparete***57 Atual cenário do gás natural brasileiro sob influência do Gasbol e da geopolítica sul-americana***Luis Augusto Medeiros Rutledge***CULTURA E COMUNICAÇÃO NOS NEGÓCIOS INTERNACIONAIS****64 Comunicação Internacional: Ferramentas para planejar a Comunicação com Diferentes Públicos***Rodrigo Solano***PRÁTICA DE COMEX****70 Aspectos e Cuidados a Tomar Para Incentivar *Startups* do Brasil a Internacionalizarem-se***Ana Paula Paixão Martins*

# Mercado Incomum do Sul



Mauro Laviola

Mauro Laviola  
é Conselheiro do Ceri/Firjan

A eleição de Javier Milei, na Argentina, tende a solidificar a situação do mercado incomum ao que se consagrou denominar Mercado Comum do Sul (Mercosul).

Basta compilar a quantidade de licenças de importação não automáticas registradas entre a Argentina e o Brasil, nos últimos anos, para constatar que o bloco sequer configura uma área de livre comércio. Ou seja, o grau de protecionismo ainda prevalece entre as duas principais economias regionais.

Não desejo retomar os diversos argumentos que justificaram a criação do Mercosul em 1991, mas é inegável que houve na diplomacia brasileira o desejo de contestar a decisão do México de aderir aos Estados Unidos e ao Canadá, em 1990, na criação do Nafta, rompendo a cadeia de acordos comerciais importantes na América Latina, sob a nova ótica da Associação Latino-Americana de Integração (Aladi), criada em 1980 em substituição à Alalc, que realmente criou um formato integracionista regional mais adequado à realidade econômica e territorial da região. O próprio Mercosul está jurídica e comercialmente amparado pelo Acordo de Complementação Econômica (ACE) nº 18 da Aladi.

Mas o salto de uma área de livre comércio para uma aduaneira não ocorre por decisões políticas como o Protocolo de Ouro Preto em 1994 que, entre outros compromissos jurídico-constitucionais, estabeleceu uma Tarifa Externa Comum como se a união aduaneira já estivesse consolidada. A União Europeia levou 15 anos para estabelecer sua tarifa comum.

A odisséia do Mercosul começa exatamente na década de 1990, começando com o tresloucado Plano de Conversibilidade do ministro Domingo Cavallo da Argentina, equiparando o peso ao dólar na proporção de 1/1, contrastando com o plano Real de recuperação da moeda brasileira, esfacelada nos anos anteriores de descontrole inflacionário. O resultado foi a declaração de inadimplência do país à sua dívida externa.

Assim, não causa surpresa que o início do século XXI, supostamente demarcado para uma evolução do novo ciclo de integração sub-regional mais avançado, registrasse inúmeros problemas de relacionamento comercial entre Argentina e Brasil frente à carência de dólares daquele país.

Após 32 anos de sua fundação, o Mercosul ainda engatinha pior que uma criança de colo. A Tarifa Externa Comum continuamente perfurada, desde 2010, revelou-se a dificuldade ao estabelecimento de um código aduaneiro comum dada a disparidade do código aduaneiro brasileiro com a minuta preparada pelo bloco, além das indefinições sobre o



tratamento a ser dado a Zona Franca de Manaus e Terra do Fogo e as disparidades relevantes em matéria tributária.

A eleição de Milei veio aumentar a brecha política para a eventual consolidação do Mercosul. Seu maior mérito foi derrotar o insuspeitável “populismo” criado por Perón e difundido por seus seguidores durante anos, infelizmente contaminado em diversos outros países da região. Provavelmente a principal praga regional do século passado e que perdura ainda em boa parte do continente.

Na Argentina, essa enfermidade foi inaugurada em 1945 com a eleição de Juan Domingo Perón, cuja farsa demagógica perdura até hoje em boa parte da população local e em outros países regionais. A partir de seu acesso ao poder, com raras exceções, os candidatos peronistas venceram 9 das 11 eleições presidenciais e Perón foi o único argentino que foi eleito presidente por três vezes.

Presentemente a situação do Mercosul revela-se mais indefinida, mercê da diversidade na condução política no bloco. Com Milei a Argentina se junta à condução de direita do Paraguai e do Uruguai e contrasta com a atual política brasileira, dos rompantes da ditadura socialista venezuelana e da provável posição de esquerda da Bolívia, recém-aprovada para participar do Mercosul pelo congresso brasileiro.

Enquanto essas mazelas ocorrem no Cone Sul expandido, alguns outros países regionais revelam-se mais pragmáticos. Pouco depois da criação do Mercosul, Chile,

Colômbia, Peru e México estabeleceram a Aliança do Pacífico, simplesmente expandindo para outros seguimentos de aproximação os acordos bilaterais existentes na Aladi. Além disso, estabeleceram a liberdade de promover negociações comerciais com países ou blocos mais avançados. Chile, Colômbia e México já desfrutam de acordos com a União Europeia. O Chile participa de acordo bilateral com a China e integra uma área de cooperação com diversos países do Leste Asiático ainda em formação. O Peru, por seu turno, desfruta de amplo acordo bilateral com a Coreia do Sul.

Até mesmo os Estados Unidos aproveita sua força político-econômica para avançar no que denomino Alca virtual, uma vez que sua aprovação formal foi torpedeada pelo Brasil no conhecido encontro de Belo Horizonte em 1996.

Além dos acordos comerciais com alguns países da região, outra ação de amparo institucional e comercial dos Estados Unidos foi permitir a adoção do dólar como moeda nacional em Costa Rica, Panamá, Porto Rico e, mais recentemente, no Equador. Interessante registrar que, volta e meia, a Argentina retoma o assunto aventado na campanha por Milei, mas de difícil armação.

Nos dois últimos anos, basicamente, o comércio bilateral brasileiro-argentino tem sofrido fortes perdas principalmente pela carência de dólares naquele país. Certa sustentação tem sido amparada pelo setor automobilístico bilateral contido no ACE 14 da Aladi, mediante acordos contábeis das empresas multinacionais do setor.

Em termos gerais, o comércio exterior argentino vem sendo sustentado pelo acordo de *swap* entre as respectivas moedas nacionais, poupando a Argentina pela carência de dólares mas, ao mesmo tempo, arruinando o comércio bilateral com o Brasil e demais países do Mercosul.

Enfim, entramos num processo de incertezas com relação não somente ao futuro do Mercosul, mas também sobre a tão desejada integração regional latino-americana.

Em resumo, a tarefa de Javier Milei centra-se, basicamente, na salvação da falência e no soerguimento da República Argentina como um dos países mais desenvolvidos do mundo em épocas passadas, mas pelo visto o novo presidente argentino não está focado na integração regional e menos ainda no Mercosul.

Todo esse melodrama tem muito a ver com a situação de um Mercosul quase sujeito às traças, cujo imobilismo chegou a tal ponto que nem mesmo o Oráculo de Delos se atreveria a prever os resultados.